

# A REALIDADE COMO DIPLOMACIA: REALISMO E A COMPLEXIDADE DA MULTIPLICIDADE

Shajara Néehilan Bensusan<sup>1</sup>

## Realismo e complexidade

Os esforços contemporâneos por estabelecer a dignidade de algumas formas de realismo se encontram às voltas com a missão de procurar exorcizar ou dissolver pelo menos duas dificuldades, imbricadas entre si, associadas a maneira como a realidade se insere no âmbito da metafísica ocidental. A primeira é a ideia de que a realidade é uma paisagem de subsistentes ou uma coleção que pode ser em última instância exposta de uma vez por todas. A ideia de realidade parece assim ter um parentesco inextrincável com a noção mesma de metafísica da presença já que ela aponta para um conjunto de ingredientes últimos plenamente presentes que subjaz tanto a aparência quanto a dissimulação. Na seção 43 de *Ser e Tempo* (2012), por exemplo, Heidegger diagnostica que a realidade (*realitas*, *actualitas*) tem sido pensada como uma camada basilar de entes que subsistem por si mesmos – e que podem envolver a substância pensante de Descartes que é entendida como uma variável independente do resto do mundo – e que assim são alheias à complexidade do que compõe um mundo se pautando apenas por seus ingredientes isolados. A segunda é a ideia de que a realidade envolve um nível de simplicidade já que no final das contas é a ela que se reduz tudo o que há – tudo o que encontramos no mundo. A procura da realidade envolve assim uma busca por alguma coisa que, ainda que arredia e propensa a se esconder, é mais elementar e, por consequência, de alguma coisa que subjaz à complexidade das aparências. Em consequência, a filosofia do acesso (à realidade) pode parecer como uma complexa jornada – que envolve desmontar correlações ou encontrar pontos de partida acertados para um salto especulativo (ver Meillassoux 2006) –

---

<sup>1</sup> Doutor pela University of Sussex e professor e pesquisador do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília.

em direção a um destino onde o que é acessado é, em contraste, bem mais simples. Pensar a realidade, e o realismo, no século XXI parece envolver entendê-la como outra coisa senão uma paisagem de presenças subsistentes avessa a qualquer dimensão da experiência e portadora de uma simplicidade que recompensaria os engajamentos complexos que o acesso a ela requer. Outra coisa; pode ser um conjunto de relações sensíveis à medição, pode ser um hipercaos que elude qualquer ordem necessária, pode ser um conjunto de séries ingovernadas de eventos que só podem ser adjudicadas desde dentro, pode ser um conjunto de perspectivas que friccionam entre si de tal maneira a tornar toda contemplação situada, pode ser uma sucessão de formas ou formações plásticas que estão sempre respondendo ao que está ao redor. Ou pode ser muitas outras coisas.

Se a realidade for entendida como complexa – ou mais complexa do que o acesso a ela – e se, paralelamente, ela for pensada como algo diferente de um conjunto de itens estacionados de uma vez por toda em uma certa posição, talvez o acesso a ela se torne, um pouco surpreendentemente, mais fácil. As dificuldades de depurar a verdade das ilusões, ou de tentarmos isolar o objeto da experiência da experiência ela mesma, ou a lida com a hercúlea tarefa de Sísifo de arrancar o sujeito daquilo que o sujeito pensa e faz podem desaparecer se o acesso à realidade empalidecer em complexidade diante do seu objeto – por exemplo por não ser mais do que uma fração da realidade ou por dispensar os problemas associados à um procedimento pautado por reduções. Caso a complexidade da realidade envolva uma abundância dela, e não a escassez como a de um minério precioso, entrar em contato com ela é menos raro e exige menos perícia – é talvez mais cotidiano. Podemos tentar uma imagem de paisagens, como a que propõe William Wimsatt (2007) em seu esforço por uma re-engenharia da filosofia para entes finitos: à imagem de uma ontologia desértica preferida por Willard Quine – e que prossegue uma longa aventura Occamiana no pensamento – ele contrapõe a floresta tropical repleta de objetos mas também de pontos de vista e, assim, é sede de uma proliferação sempre incompleta. A abundância do objetivo tornaria o conhecimento algo inerente às práticas e não aquilo que as orienta. Alguém poderia concluir de maneira geral que metafísicas mais simples pedem epistemologias difíceis e talvez impossíveis enquanto metafísicas complexas podem ser vislumbradas com procedimentos epistemológicos menos rebuscados.

Duas aproximações para pensarmos nessa abundância. A primeira: imaginemos que as dúvidas, e não as resoluções delas, sejam elas mesmas o que alcança a realidade; eu propus algumas variantes dessa ontologia de dúvidas (2015, 2016, 2019) procurando mostrar que a

dúvida, e não sua dissipação, pode ter a forma da realidade. Nesse caso, a dúvida não é uma dificuldade de acesso às coisas, mas o próprio acesso às coisas. A capacidade de duvidar oferece uma adequação imediata a uma realidade feita de dúvida – a dúvida é o objetivo; o esforço cético de fazer proliferarem as dúvidas não é, nesse caso, um empecilho ao conhecimento, mas um passo na direção dele. O ceticismo em seus vários matizes, fertilizando a capacidade de forjar dúvidas, não tornou a epistemologia árdua, mas progrediu na direção de revelar o que há. As dúvidas – ontológicas – são mais abundantes que a certeza, pelo menos se vale a maior parte das suposições que move o cético desde o esforço de dar um passo atrás e suspender o juízo. Ou seja, se há paradoxos no mundo, não precisamos eliminá-los para conhecer o mundo; podemos imaginar que seria possível um acesso direto às *dialetheas* (ver Priest 2006). A segunda: consideremos que o esforço de descortinar uma *realitas* subjacente e que é orientado pela *omoiosis* – pela vontade de adequação, de correção, de acerto. Uma instância assim distingue as aparências inapropriadas de uma realidade a ser exposta – e que sempre esteve pronta para ficar exposta – e que é neutra, unívoca e coerente. Se, por outro lado, o pensamento se alinha ao descortinar das coisas – a uma *physis* que é *alethea* sem ainda ser *adequatio*, nos termos de Heidegger (2021) – a aparência não é mais um possível engano, mas parte daquilo que existe já que o ente não é o que está em alguma parte exposto como que à espera de ser visto mas é também o movimento de mostrar-se e ocultar-se. Se o aparecer ou surgir mesmo de alguma coisa for parte do que faz ela fazer sua própria coisa, não há que se discriminar o pensamento que revela em última instância o que subjaz de todo outro pensamento. Aqui também, na abundância do que existe, o pensar não precisa penar para alcançar o ser – não é preciso ignorar a floresta onde proliferam aparências para se concentrar em um suposto solo abaixo dela que seria árido e parcimonioso e onde muito pouco subsiste.

Um elemento da abundância da realidade pode ser a multiplicidade irreduzível. Ou seja, há uma pluralidade inerente ao que é real, e que não caberia dissolver. Há uma multiplicidade real – e não uma relatividade da realidade. A partir da diversidade de perspectivas, por exemplo, a realidade pode ser entendida como tendo que abrir mão dos atributos comumente conferidos a ela: neutralidade, coerência e caráter absoluto (ver Fine 2005, Bensusan 2012). Ela pode ser inconsistente ou ter sua consistência indecidível (ver Bensusan 2024). Precisamente porque ao complexificar a imagem do que há à disposição dos realismos empreende-se uma separação entre realidade e pureza, deixar de maximizar as muitas formas de simplicidade – ou de familiaridade – pode ter que ser um requisito para o empreendimento

de procurar pensar o acesso ao que é real. Tristan Garcia (2016) diagnostica que o realismo se afasta de um *discrimen* das coisas em favor de um *res communis* entre as coisas – não se trata mais de separar a realidade do joio, mas de encontrar o que há de comum naquilo que existe. Garcia chama o primeiro empreendimento de um realismo epistemológico e o segundo de um realismo ontológico: o segundo intenta mostrar que há mais realidade do que imaginam os que oficiam a purificação dos equívocos. Não haveria mais que buscar a purificação da realidade, haveria antes que explorá-la, considerá-la não como um objeto purificado, mas como um elemento cotidiano – os realismos ontológicos se perguntam como existe algo, ao invés de se perguntarem se algo existe. Eles atuam na abundância da realidade. E não sentem uma grande pressão por um aprimoramento epistemológico – não duelam com os céticos, mas com os ficcionistas e operários do imaginário que se convenceram a deixar a realidade purificada e discriminada para seus especialistas. Aquilo que Garcia chama de realismo ontológico é um esforço por conceber uma imagem plausível da realidade que não se submeta à concepção herdada, mas que tenha rendimento na compreensão do que existe. É menos guiado pela justificação de uma imagem da realidade do que pela fertilidade (não apenas filosófica) que essa imagem apresenta. O realismo contemporâneo é orientado pela ideia de que é impossível prescindir de toda concepção do que seja real – também as formas de antirrealismo (como argumenta por exemplo Heil & Martin, 1999), de construtivismo ou de deflacionismo assumem alguma coisa acerca da realidade. Trata-se então de tornar as suposições inevitáveis melhores.

### A realidade do realismo complexo

Dentro do escopo da busca contemporânea por realismos frutíferos e aceitáveis, há diferentes maneiras de lidar com a pluralidade. Tenho defendido (2021, 2024) uma imagem da realidade como sendo inextrincavelmente situada, e portanto do mundo externo como irreduzivelmente indexical. Isso quer dizer que o mundo externo é o como o fora ou o outro a partir de uma certa posição, ele cessa de ser genuinamente externo se é capturado por uma pretensa totalidade que abranja tudo. Essa ideia é produto do que chamo de uma metafísica dos outros que entende o fora como genuíno e irreduzível. Essa posição, por sua vez, está embrenhada com o indexicalismo – a tese de que o mundo é melhor descrito por meio de indexicais como ‘aqui’, ‘lá’, ‘agora’, ‘fora’ e ‘outro’ do que por substantivos – e com o realismo espectral pan-mnemista – a tese de que o mundo externo atua como um adendo que afeta assemblagens de memória que compõem tudo o que há. Porém o que me interessa aqui é a metafísica dos outros em contraste com uma posição que vem sendo defendida por Otávio

Maciel (2021, 2023), o realismo complexo. Trata-se de uma posição segundo a qual é preciso morder a isca e rejeitar sistematicamente qualquer apelo à navalha de Occam – a realidade não é simples e, por isso mesmo, é plural. Ou seja, há espaço para muitas maneiras de se conceber o que há, o pensamento acessa a realidade de múltiplas formas que, por sua vez, podem ser adjudicadas por uma instância diplomática de modo a que possam encontrar caminhos de convívio. A complexidade vem então da pluralidade e ela requer algum tipo de coexistência, algum tipo de relação diplomática em que diferentes polos não atuem de um modo a impedir a continuidade dos demais. A realidade, para o realismo complexo, não está em uma versão privilegiada de como são as coisas, mas na coexistência entre diferentes versões, na articulação de relações ecológicas entre diferentes maneiras de lidar com as coisas. O realismo complexo recomenda a visão segundo a qual a realidade subjacente à pluralidade é a própria justaposição dos elementos da multiplicidade, não porque não se pode ir além de um inventário de maneiras de abordar a realidade e nem porque haja uma realidade subjacente – uma paisagem de subsistentes – que ela mesma adjudica entre as versões como um juiz oferecendo vereditos desde uma instância independente. O realismo complexo foca na articulação da justaposição – como é que diferentes teorias acerca do mundo lidam umas com as outras uma vez que a consistência já deve ter sido deixada de lado junto com critérios que apelem a qualquer tipo de capacidade meta-racional *δύναμις μετά λόγου* (see Aristóteles, 2024, 1046a). Essa lida não é alguma coisa que fazemos na busca de um acesso ao que é real, mas é parte da tecitura da realidade segundo a imagem do realismo complexo. Ou seja, ao buscarmos a coexistência entre múltiplos polos teóricos estamos como que em contato com o que procura fazer de alguma maneira a realidade que, em sua complexidade, procura encontrar estratégias diferentes de convívio entre polos que podem parecer em fricção.

A ideia de que a diplomacia é parte da realidade ela mesma é uma confluência de muitas ideias na construção de Maciel. Uma delas é a insistência de Bruno Latour (2012), em diálogo com trabalhos de antropólogos como Philippe Descola (2005), de que a diplomacia é central no elo entre humanos e não-humanos tal como fazem não apenas os agrupamentos animistas que Descola encontra por exemplo na baixa Amazônia mas também no trabalho que a antropologia deve fazer ao colocar em contato diferentes maneiras de entender a realidade – e as conexões entre o que é e o que não é humano. Ou seja, a diplomacia se torna para Latour um elemento central na coexistência entre ingredientes da realidade, e essa diplomacia não é concebida em termos que possa ser abrangida em alguma teoria geral que possa ser construída

de uma vez por todas, mas é alcançada em cada caso, de uma maneira que talvez eu possa entender como situada – mais do que um tratado no sentido de um compêndio ela é um tratado em termos de um resultado de uma negociação (ver Bensusan 2016, 2017). O realismo complexo pensa a realidade como aquilo que adjudica entre as diferentes versões dela – é uma instância de tribunal, uma instância de busca de convívio entre o que aparece. Nesse sentido, ele é também herdeiro de uma rejeição resoluta do tipo de bifurcação da natureza que Alfred Whitehead diagnosticou. Para Whitehead (2019), a realidade e a experiência não estão distintas de modo a que a primeira seja intangível como uma quimera e a segunda enganadora como um sonho. Ao contrário, é preciso pensar na solidariedade entre realidade e experiência, a segunda não é desconectada da primeira e nem a primeira é indiferente à segunda. A herança whiteheadiana do realismo complexo é pensar no contraste entre as múltiplas maneiras de pensar o mundo como uma pista para o acesso à realidade – e, como um realismo ontológico no sentido de Garcia, para como conceber a realidade. A realidade não passa ao largo das fricções engendradas pelo pluralismo incorrigível, mas está precisamente nelas.

### A complexidade dos outros

O realismo complexo é um passo na direção de afirmar um pluralismo e uma abertura a maneiras de pensar que não estejam sancionadas por um crivo único – que não estejam integradas por um critério monofônico. Trata-se, assim, de uma maneira de fazer justiça a outras maneiras de pensar o que há, a outras realidades que são parte da complexidade do que há. E esses outros são trazidos à tona por meio do esforço diplomático de procurar coexistências em cada caso, de uma maneira que evite uma síntese, mas leve a sério o esforço – diplomático – de reunir. A postulação da diplomacia como um elemento que amalgama polos que aparecem como incompatíveis é um passo não apenas na direção de reconhecer a complexidade que genuínas pluralidades trazem à tona, mas também na direção de postular uma realidade que não é alheia a essa complexidade inevitável. Para o realismo complexo de Maciel, no entanto, a diplomacia é uma instância adjudicadora – inerente à realidade ela mesma – em grande parte externa à formulação e articulação dos polos teóricos múltiplos. Ela diz respeito a uma interação – e não a uma intra-ação, para usar a distinção de Karen Barad (2007) – entre diferentes abordagens do mundo. Assim, ela corre o risco de isentar um trabalho anterior acerca do outro por parte do engajamento no ofício de narrar o mundo. A narrativa ela mesma pode ser alheia às outras narrativas já que há uma instância diplomática que se ocupa de aparar arestas e encontrar um modo de convivência diante dos atritos. Aqui é onde aparece a tensão entre a

metafísica dos outros que venho recomendando e o realismo de Maciel: a diplomacia parece ser uma maneira oblíqua de terminar obnubilando a realidade irreduzível do outro – na forma, por exemplo, de uma outra narrativa ou de uma recalitrância à narrativa adotada (ou mesmo a qualquer narrativa).

O realismo complexo poderia ser exposto em termos de dois momentos, ainda que inseparáveis: o momento do pluralismo onde muitas imagens do mundo se formam e se apresentam e o momento da diplomacia, da adjudicação. A realidade, se é a diplomacia, precisa ter uma multiplicidade de polos. É certo que o realismo complexo tende a distribuir, assim, o selo de realidade com menos parcimônia, e isso afete a maneira como aquilo que existe é concebido, porém trata-se ainda de um selo. Ou seja, trata-se ainda de entender desde um ponto de vista epistemológico que aquilo que muito do que se embrenha nas práticas dos outros é (também) aceitável enquanto realidade. Apesar da epistemologia ser deflacionada pela complexidade do realismo, cabe a ela a tarefa moderadora de curvar a *hybris* das diversas imagens do mundo para que elas possam coexistir. Dito de outro modo, não cabe a cada polo, mas a adjudicação que legisla sobre a realidade (complexa) abrir espaço para outras narrativas. Seguramente esta adjudicação epistemológica não está desconectada da realidade – pelo contrário ela a compõe. Porém, talvez forçando um pouco os termos das exposições de Maciel, sua tese seria que a *diaphonía* não caberia à elaboração do que há – ou de uma versão do que há - mas antes à metametafísica que coordena e ordena seu alcance e validade. A metametafísica, entretanto, é ela mesma, por assim dizer e em um sentido amplo, metafísica. A teorização pode assim ser indiferente ao que há fora dela já que uma instância maior vai poder lidar com as eventuais consequências dessa indiferença. Quero apontar, em outros termos, para uma distinção entre a diferença e multiplicidade de um lado e a assimetria e suas consequências de outro. E, fazendo isso, me parece que as categorias de complexidade e irreduzibilidade (e seus opostos relevantes) não sejam afinal as melhores para que o pensamento dos outros – os outros pensamentos – estejam abrigados em termos que não requeiram uma completa tradução para os termos originais, por mais complexos que sejam, de qualquer ponto de partida.

A diplomacia (ou talvez a metametafísica) – quando se trata de garantir um espaço para aquilo que está fora de uma concepção das coisas – vem tarde demais. A pluralidade ordenada que coexiste pode ser uma pluralidade de impérios em um estado de adiamento da guerra – em outros termos, a pluralidade de dogmas não torna nenhum dos dogma menos

dogmático. Se concebemos teorias que trazem em seu bojo o projeto, a pretensão ou a capacidade de alcançar toda coisa e expô-la como se fosse uma revelação substantiva de como cada coisa é, qualquer esforço meta-teórico de disciplinar seu impacto e moldar seu escopo já vem tarde demais. O problema começa não no estatuto do que é pensado, mas no modo como o que é pensado é pensado. Ou antes, no que mais é preciso fazer concomitantemente à tarefa de produzir um discurso sobre as coisas. Por isso, entendo que a injunção dupla de Anna Tsing é um bom ponto de partida: a tarefa seria a de narrar o mundo com as melhores das nossas capacidades e, *ao mesmo tempo*, deixar espaço nessa narrativa mesmo para outros relatos. (Tsing coloca essa injunção em jogo em seu *The Mushroom at the End of the World*, 2015). É a partir dessa injunção dupla que eu formulo a metafísica dos outros (2021) – um realismo em que os outros (e o fora, o exterior, o além) são tomados como parte irreduzível da narrativa. A injunção faz com que o pensamento acerca das coisas ele mesmo tenha espaço para a realidade dos outros pensamentos acerca das coisas. Aquilo que está além, ou fora, da teoria não é deixada pela metafísica dos outros como uma instância que fica de fora e a regula. Como empreendimento, a metafísica dos outros é paradoxal, vulnerável e sobretudo refém dos outros – refém do que entende como sendo aquilo que a transcende e a constitui. O outro é parte da narrativa se esta começa com indexicais e portanto evocando já aquilo que está fora, para além ou exterior – é como se, paradoxalmente, o ‘fora’ já estivesse dentro e se isso significasse que o que estava fora foi colocado para dentro ainda há um outro ‘fora’ que escapa do que foi colocado para dentro.

Maciel, em sua apresentação do realismo complexo (2021), acolhe a injunção dupla de Tsing. Ele afirma que seu projeto tem propósitos que estão em consonância com a injunção já que ele postula que outros relatos são parte da realidade. A injunção é ela mesma paradoxal, como já observei em outros lugares, já que é quase como se ela recomendasse uma tomada de posição como a de um dogmático e, ao mesmo tempo, a suspensão do juízo como a de um cético. Porém Maciel, em consonância com seu projeto, procura lidar com essa tensão entre as componentes da injunção adicionando uma terceira tarefa. Ele escreve:

Além disso, em vista que não buscamos uma mera coletânea de opiniões ou de um “qualquer coisa”, podemos acrescentar uma terceira tarefa metafísica: buscar instaurar, exercer, avaliar e reformular condições para uma diplomacia metafísica, orientada pelas garantias constitucionais deste Tratado, com o propósito da ecologização. A

sistematização destas tarefas nos coloca em direção a uma ecologização da metafísica a partir de um novo tipo de objetividade, da universalidade subsistente e dos valores do realismo complexo. (2021: 149)

Evocando uma ecologização e uma diplomacia, ele entende que seria preciso uma autoridade que garantisse a boa lida com o outro relato incluído na melhor narrativa das coisas. A ecologização é, segundo entendo, a empreitada de fazer conviver, de repartir ambiente, de distribuir alcances. A diplomacia é uma gerência de conflitos – e uma tentativa de se antecipar ao aparecimento de fricções. Pode parecer que a terceira tarefa apenas forja um campo para a metametáfísica e, em certo sentido, para o intento do realismo complexo – seria talvez desnecessária, mas uma vez que não substitui as demais tarefas, não seria um caso da epistemologia (ou da metametáfísica) chegando tarde demais. A terceira tarefa seria talvez um acréscimo ocioso, mas não se trata de um terreno em que a navalha de Occam tem a palavra final.

No entanto, como em muitos casos, não se trata aqui de uma adição inócua. A primeira vista, ela trata as demais tarefas da injunção como insuficientes – é preciso um legislador além de uma relação interna da concepção das coisas com seus outros. A insuficiência faz perguntar o seguinte: se o diplomata (complexo, metametafísico) se faz necessário, a lida teórica com o outro pode falhar – e assim a dupla injunção não é satisfeita. Ou seja, o outro relato não tem um verdadeiro espaço na narrativa. Se tivesse, não necessitaria um diplomata para se fazer ouvir. Se o estrangeiro enquanto estrangeiro pode entrar em um conflito com alguma parte da concepção das coisas que não pode ser resolvido dentro dessa concepção, o diplomata aparece porque já vem tarde demais. Não há mais nada a fazer para mostrar que a concepção das coisas em questão satisfaz mesmo à dupla injunção. O *pharmakón* envenena a dupla injunção – o remendo torna a injunção impossível porque insuficiente. Uma ação teórica diplomática – o realismo complexo – vem tarde demais se seu trabalho é o de gerenciar concepções das coisas que não satisfazem à injunção de Tsing. Tarde demais porque, se a terceira tarefa é necessária, as duas primeiras não foram cumpridas.

Isso, no entanto, nos permite pensar sobre o que faz em geral a terceira tarefa – ou o realismo complexo. Seria ela mesma realizada por uma atitude teórica que satisfaz a dupla

injunção? Ou seja, ela procura mobilizar as melhores capacidades para uma narrativa diplomática – se trata de uma narrativa em todo caso – e, ao fazer isso, procura deixar espaços para outros relatos? Disse acima que se é o caso que a dupla injunção é satisfeita, parece inócua a adição da terceira tarefa. E, também aqui, para o que serviria ela senão para mostrar que a injunção não está sendo satisfeita no primeiro nível? Contudo, talvez a terceira tarefa não seja apenas dispensável, mas também corrosiva. Parece que podemos suspeitar que a terceira tarefa não pretende estar ela mesma no escopo da dupla injunção (ou talvez da tripla injunção). Não há, no esforço diplomático, um espaço para outros relatos, outras narrativas enquanto tais mas apenas uma capacidade de enxergar uma simetria entre as diferenças que permite que elas formem uma totalidade, uma congregação potencialmente em harmonia se a diplomacia for bem sucedida – se a terceira tarefa for cumprida. Se é assim, a terceira tarefa é indiferente às duas primeiras e quando ajuntada a elas torna-as dispensáveis já que a terceira tarefa se ocupa da convivência entre as múltiplas maneiras de pensar o mundo. A incompatibilidade da terceira tarefa com respeito às duas primeiras fica mais clara se percebemos que aquela parece tornar estas impossíveis: impossíveis porque há uma distinção entre uma teoria entre outras teorias e uma teoria com espaço para outras teorias. Ou seja, onde há uma multiplicidade que se torna a melhor maneira de narrar como são as coisas, satisfazendo a primeira tarefa, ou a segunda tarefa dispensa a terceira já que dá espaço para outras narrativas fora dessa (múltipla) totalidade ou já não pode mais atuar uma vez que a multiplicidade lhe paralisa. A dupla injunção não pode ser reduzida a uma teoria diplomática ou a uma teoria da diplomacia e ela pede que teorizar seja já prescindir de um árbitro acerca dos seus próprios outros – porque se estes já são de antemão teorizados, a injunção não é mais dupla (e menos ainda tripla). Também em uma metafísica dos outros a missão epistemológica de procurar o *discrimen* é submetida à complexidade do outro que transcende e constitui a teorização – *discrimen* descreve o estado de refém da metafísica aos outros – porém a terceira tarefa toma para si o escrutínio e, se há escrutínio, não houve espaço para a dupla injunção. E a teoria diplomática chegou tarde demais.

O realismo complexo de Maciel, como um realismo ousado e frutífero que tem consequências ainda a serem exploradas, termina por não fazer justiça ao exterior no seu ímpeto por dar lugar a multiplicidade. Em contraste com a metafísica dos outros, o realismo de Maciel não assume que a realidade só pode ser considerada desde o interior de uma assimetria: a diplomacia do realismo complexo pode ocorrer em uma instância que é indiferente aos polos que ela mobiliza. Ou seja, a diplomacia ocorre de ambos os lados, a realidade é indiferente à

posição de onde aparecem as narrativas. Essa assimetria é o que faz a satisfação da dupla injunção de Tsing suficiente. Se uma narrativa leva em conta a irreduzibilidade do outro, a terceira tarefa é inócua e se ela não o faz, a terceira tarefa não pode senão vir tarde demais. No entanto, a realidade como diplomacia talvez seja uma das melhores maneiras de elaborar um realismo alinhado com a suposição de simetria da realidade. E trata-se de um realismo que rejeita tanto a paisagem de subsistentes quanto o compromisso com a simplicidade do que é real: o real não é o que resiste ou o que persiste, mas o que está sempre às voltas com as negociações, com o atrito e com a coexistência.

## **REFERÊNCIAS:**

- ARISTÓTELES (2024) **Metafísica**, tradução de Viviane de Castilho Moreira, São Paulo: Vozes.
- BARAD, Karen (2007) **Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning**, Durham: Duke University Press.
- BENSUSAN, Hilan (2012) ‘*The Cubist Object: Black Boxes, Über-realism and the Metaphysics of Perspectives*’, **Speculations**, 2, 2012, pp. 169–86.
- \_\_\_\_\_ (2015) “*O lugar da suspensão do juízo: neopirronismo e ontologia da dúvida*”, in: **O neopirronismo de Oswaldo Porchat: Interpretação e debate**, São Paulo: Alameda, pp. 59-78.
- \_\_\_\_\_ (2016) **Being Up for Grabs: On Speculative Anarcheology**. Londres: Open Humanities.
- \_\_\_\_\_ (2016a) “*A técnica como diplomacia com não-humanos*”, in: Fabiane Borges (ed.) **Tcnxmnm**, São Paulo: Invisíveis Produções.
- \_\_\_\_\_ (2019) “*Porchat, a diaphonía e o torvelinho do fenômeno no neopirronismo*”, **Discurso**, 50(2), 169-180.
- \_\_\_\_\_ (2021) **Indexicalism: Realism and the Metaphysics of Paradox**. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- \_\_\_\_\_ (2024) **Memory Assemblages: Spectral Realism and the Logic of Addition**, Londres: Bloomsbury.

- DESCOLA, Philippe (2005) *Par delà nature et culture*, Paris: Gallimard.
- FINE, Kit (2005) *Fine, Kit, 'Tense and Reality'*, in **Modality and Tense: Philosophical Papers**, Oxford: Oxford University Press, 2005, pp. 261–320.
- GARCIA, Tristan (2016) “*Une boussole conceptuelle*”, in: Alloa, Emmanuel e Élie During (eds), **Choses en soi: Métaphysiques du réalisme**, Paris: puf, pp. 41-56.
- HEIDEGGER, Martin (2012) *Ser e Tempo, tradução de Fausto Castilho*, São Paulo: Vozes.
- \_\_\_\_\_ (2021) **Contribuições à filosofia**, traduzido por Marco Antonio Casanova, Rio de Janeiro: Via Verita.
- HEIL, John & C. B. Martin (1999) “*The ontological turn*”, **Midwest Studies in Philosophy** 23 (1): 34–60.
- LATOUR, Bruno (2012) **Enquête sur les modes d’existence**, Paris: La Découverte
- MACIEL, Otávio (2021) **Primeiro Esboço de um Tratado de Metametafísica: Introdução ao Realismo Complexo**. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, <https://repositorio.unb.br/handle/10482/41938MA>
- MACIEL, Otavio (2023) *Towards a Category Theory for Complex Realism*, **Das Questões**, 18:1.
- PRIEST, Graham. **In Contradiction**, Oxford: Oxford University Press, 2006
- TSING, Anna (2015) **The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins**, Princeton: Princeton University Press.
- WIMSATT, William (2007) **Re-engineering Philosophy for Limited Beings**. Boston: Harvard University Press.